

A FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CENTROS DE ESTUDOS HISTÓRICOS E SUA 1a. GESTÃO.



HERÓDOTO S. BARBEIRO

Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Reunidos em maio de 1967, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, os Centros de Estudos Históricos do país refundaram a *Federação Brasileira de Centros de Estudos Históricos*. Para congregar as atividades ligadas à História, no nível dos estudantes, faltava uma associação que coordenasse, e ao mesmo tempo propiciasse um maior intercâmbio entre as diferentes necessidades das diferentes regiões do Brasil. E esse espaço foi preenchido pela Federação.

A primeira Diretoria tomou posse lá mesmo em Belo Horizonte e se estendeu até dezembro deste ano, quando a cidade de São Paulo, com a colaboração da Prefeitura do Município e da Sociedade de Estudos Históricos sediou o *I Congresso Nacional da Federação Brasileira de Centros de Estudos Históricos*, na Cidade Universitária, no prédio do Departamento de História.

Portanto, cabe-nos na qualidade de primeiro presidente, fazer um pequeno relatório das atividades da Federação durante essa sua I Gestão para que possa através da *Revista de História* chegar a tôdas as Faculdades e Centros de Estudos Históricos do Brasil, procurando despertar cada vês mais o estudante de História, para que, através dos Centros, possamos buscar soluções para os problemas que afligem a História como ciência e como atividade profissional.

Os primeiros passos dados pela Diretoria foram os de conseguir um lugar e algum material para nos estabelecermos, pois apesar dos estatutos preverem um pagamento de 10% das rendas dos Centros, esse dinheiro quase que não chegou às nossas mãos. Tivemos que apelar para pessoas que nos auxiliaram com doação de material para que a entidade pudesse funcionar. Assim é que conseguimos autorização da Diretoria do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para nos

estabelecermos junto à sala do inspetor dos alunos, que também era aluno e tesoureiro da Federação.

O ponto crucial levantado em Belo Horizonte foi o da Regulação da Profissão de Historiógrafo. Para isso redigimos uma minuta, que foi discutida e aprovada pelos colegas da Universidade de São Paulo, foi colocada nos devidos termos técnicos e devidamente encaminhada para a Câmara Federal. O ante-projeto procura dar possibilidades de expansão aos historiógrafos, limitando o campo da História aos que fazem e fizeram História, isto é, procurando reservar para aquêles que enfrentaram durante quatro ou cinco anos uma escola pudessem dela sair e subsistirem. Aulas, pesquisas, levantamentos, direção de arquivos, museus, bibliotecas especializadas, bem como a criação do Conselho Federal dos Historiógrafos e seus respectivos Conselhos Regionais. Tal ante-projeto, cujas cópias foram enviadas para todo o Brasil, para que fôsse ouvidos todos os Centros, foi refeito e encontra-se na Comissão Técnica da Câmara Federal, esperando que nós o impulsionemos rumo à aprovação. E, enquanto isso não acontecer, veremos advogados, pedagogos, sociólogos, filósofos, formados pelo C.A.D.E.S., “auto-didátas”, dentistas, etc., dando aulas de História.

A maior dificuldade existente para um sucesso bem maior da Federação foi a grande distância que separa as cidades e os Estados, uma vez que o Correio, de quem dependíamos exclusivamente para os contactos, não correspondia, e grande parte da correspondência extravaiava-se e dificultava terrivelmente nossas atividades. E êsse male só será sanado quando os colegas entenderem que é necessário manter um intercâmbio contínuo e intenso entre os diversos Centros, enviando relatórios, estudos, idéias a serem discutidas e encaminhadas à Federação.

Porém, como rezam os estatutos, procuramos montar em cada estado uma Secção Estadual, que teria maior contacto e penetração em seu Estado, e para isso começamos a enviar instruções para que os Centros se reunissem e fundassem a sua Secção Estadual. Contribuímos para a fundação da *Secção Estadual da Federação Brasileira de Centros de Estudos Históricos*. São Paulo, Minas Gerais e Bahia nos seguiram. Essas sucursais da Federação levam o encargo de coordenar os Centros de Estudos Históricos do Estado, e mantê-los em intercâmbio contínuo, sendo que seus estatutos não podem ferir os da entidade federal, pois que são a ela subordinados. Assim, além das Semanas de Estudo, realizadas por cada Centro, anualmente ocorre o Encontro Estadual, onde é eleita a nova diretoria da Secção Estadual, e a sede muda para outra cidade do mesmo Estado, e o Con-

gresso Nacional, que também elege a nova diretoria, outrossim muda de Estado.

Juntamente com a *Sociedade de Estudos Históricos* promovemos no mês de julho próximo passado um Curso de Férias, que contou com a participação de quase 300 professôres secundários e estudantes universitários. A iniciativa, que esperamos seja sempre renovada, visava colocar em contacto com as últimas conquistas no campo do ensino, quer na didática, quer na teoria, quer na ampliação de conhecimentos e atualização. Isso propiciou fundos para que a Federação se mantivesse financeiramente até o final desta gestão. Aliás, dadas as dificuldades encontradas nessa primeira Diretoria, tivemos que cobrir um déficit de quase NCr\$ 2.000,00, que foram amparados pela iniciativa particular de membros da Diretoria.

A primeira fase, e a crítica, foi vencida, não sem sacrifícios, nem sem muito trabalho, e que nos envolveu de tal forma que só depois de muito esforço é que foi superada.

A atuação na I Gestão da *Federação Brasileira de Centros de Estudos Históricos* ensinou-nos muita coisa e trouxe à luz problemas inúmeros que tivemos oportunidade de entrar em contacto e que obstam o progresso, o ensino e a difusão da História. A situação do ensino por aí é sumamente disparatada, e disparates se cometem nas Faculdades e no Magisterio Secundário em nome do “ensino” da História. Os diversos contactos que mantivemos, notadamente com colegas e professôres do interior e de outros estados, detalham bem essa situação que se resume em:

a). — Má formação nas Faculdades que nem preparam os alunos para o ensino secundário, nem para a pesquisa. Apenas acumulam de informações os estudantes, informações essas coligidas em velhas enciclopédias por “professôres-compêndios”. Podemos citar o exemplo de uma determinada faculdade onde o professor depois da chamada, explicava o ponto, ditava o resumo e o seminário tinha como livro básico o Burns. . .

b). — O colega que vai para o ensino secundário é um deserdado ante às condições precárias que tem que enfrentar quando até um mapa é artigo inexistente. Por isso e pela má formação, sua tendência é acomodar-se à uma rotina chamada Joaquim Silva, que êle toma por Bíblia do “ensino da História”.

Poderíamos discorrer ainda sôbre inúmeros problemas de importância semelhante ou ainda maior que êste contacto de quase dois anos nos proporcionou. Porém, gostaríamos de lembrar mais um fator que marca uma grande desniveleção do ensino. E' a existência do C.A.D.E.S. Defendido por muitos que alegam não existir professôres formados em faculdades que queiram dar aulas nos lugares

afastados, e de outro lado largamente criticado, pois um bom número destes mestres ficam mesmo é nas cidades. Tivemos oportunidade de ver a realização do C.A.D.E.S. em Campinas e observamos que muita gente apanhava suas autorizações e iam imediatamente se inscrever nos colégios da cidade.

A Federação, sabemos, não poderá resolver todos esses problemas sozinha, mas poderá ajudar, e muito, quando uma maior compreensão houver entre as entidades dos alunos, professores e órgãos governamentais. O trabalho que ela tem pela frente é muito grande e de uma enorme responsabilidade; precisaremos de uma contribuição geral, para que cada parcela forme uma grande força capaz de solucionar todos os problemas. Do contrário não sairemos dessa situação de estagnação em que nos encontramos e onde vemos um grande paradoxo: de um lado falta de formados para ocupar os cargos, e de outro falta de mercado de trabalho para os que saem das faculdades.

Só no Estado de São Paulo o número de formandos atinge aproximadamente 700 por ano, com tendência para se chegar dentro de três anos a 1.000.

Se não nos voltarmos agora para os problemas existentes, eles irão se acumulando, e a prova está nos vestibulares da Universidade de São Paulo, de que para o próximo ano contará com mais de 1.000 inscritos para concorrer às 260 vagas existentes. Isso vem mostrar quão urgente se faz a união em prol da racionalização, organização e planificação do ensino superior e secundário.

Portanto, antes de resolver esses problemas acima sucitados, a I Diretoria tomou contacto com eles, e iniciou as bases para que alguma coisa possa ser feita em prol da História, e de sua própria sobrevivência. Infelizmente as soluções têm sido proteladas continuamente, e os paliativos aplicados não se tem revelado bons solventes da situação reinante.

Aos membros da Federação, os Centros de Estudos Históricos e as Secções Estaduais, recomendamos sempre que nos ajudassem a fundar outros Centros, filia-los, promover intercâmbio de atividades, cursos, debates, semanas de estudo, ajuda na preservação dos monumentos históricos existentes na região, cooperação nos levantamentos dos arquivos e fontes, bem como a participação efetiva no Encontro Estadual e no Congresso Nacional. Para a próxima gestão contaremos com a atividade dos colegas de Goiás, que assim compõem a II Diretoria — presidente e secretário da Universidade Federal de Goiás, e vice-presidente e tesoureiro da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Necessário se faz que todo o apôio seja dado à nova Diretoria, para que ela possa desenvolver uma atividade dirâmica e que suas realizações atinjam a todos os objetivos traçados.

Só não podemos permitir que o movimento esmoreça, e de nossa parte nos dispomos a continuar colaborando no que nos for possível. Estamos certos que a Federação cruza no espaço um caminho feliz e cheio de sucessos, onde os impulsos para que alcance os seus propósitos serão dados por novos colegas que se disponham a cooperar e a lutar. Queremos apenas deixar gravado nêsse nosso comentário nossa gratidão à *Sociedade de Estudos Históricos* e à *Revista de História*, pelo auxílio prestado durante nossa gestão e pela confiança de que trabalhávamos em prol de tôda uma comunidade.